

1.

Na escola, tinham-lhe pedido para desenhar um cipreste de Monterey. Nada mais fácil. No seu jardim, havia pelo menos uma meia dúzia. Bastara, assim, fechar os olhos e ver os troncos fortemente inclinados sobre o terreno granítico e os ramos retorcidos, cobertos de folhas minúsculas batidas pelo vento, tal como se estivesse no jardim. Contudo, a professora tinha-lhes recomendado que usassem a imaginação. O que queria dizer que ela não podia simplesmente passar essa imagem tão viva para o papel. A colega do lado mostrara-lhe o que estava a fazer. Os troncos e ramos tinham dado lugar a uns homenzinhos desarticulados, que dançavam sem elegância e pareciam sofrer com isso. Era desse tipo de desenhos que a professora gostava. Aproveitando um momento em que esta estava a escrever qualquer coisa no quadro, saíra do seu lugar para espreitar os desenhos das outras. Mais dançarinos grotescos cobertos de folhas. Pensara que a professora já não poderia dizer que as colegas tinham muita imaginação, se todas desenhavam o mesmo. Então fechara novamente os olhos e vira os ciprestes do seu jardim, para logo os abrir de modo a que a imagem não escapasse. Pegara no lápis e copiara exactamente o que via.

Phyllis Morehead continuou a olhar longamente para os ciprestes e as imagens do seu desenho, dos desenhos das colegas, da professora e da sala de aula foram-se desvanecendo. As árvores eram as mesmas que retratara na escola. Há mais de dois anos que não vira a Carmel. Olhou à sua volta. Não só os ciprestes, mas os pi-

nheiros, os arbustos, o imenso relvado, os pedregulhos de granito eram os dos desenhos. No jardim, nada tinha mudado ao longo de quatro décadas. O que já não acontecera com as formas, os espaços e as cores da casa. Desde miúda, tinha conhecido quatro versões, e só gostara da primeira. herdara a propriedade e lutara para preservar o jardim, mas não conseguira opor-se ao marido e aos filhos, que foram exigindo mais ou maiores divisões, em detrimento do espaço exterior.

Era para a casa que o olhar agora se dirigia. Pareceu-lhe ver um vulto para lá dos vidros escurecidos da sala. Teve a sensação de que o coração ia saltar para fora do peito, mas não hesitou em correr. Chegou ofegante, bateu na porta de vidro e gritou: «Richard! Richard!» Não obteve qualquer resposta. Protegeu os olhos com a mão para espreitar para o interior. Afinal, ninguém se encontrava na sala. Ladeou a zona do escritório e da antiga sala de trabalho dos filhos e dirigiu-se à porta principal. Pensou que seria mais apropriado tocar à campainha. Richard fazia o mesmo quando ia visitá-la a Los Angeles, embora também conservasse uma chave do apartamento. Só quando voltou a não obter resposta, é que decidiu utilizar a sua chave.

Phyllis percorreu a casa, esforçando-se por articular uma precaução em que já não acreditava: «Richard! Sou eu! Não quero que apanhes um susto... Sou só eu, Richard! Não são ladrões... É só a Phyllis!»

Calou-se, sentindo-se ridícula. A casa estava consideravelmente desarrumada, mas Richard estava ausente. Passou da cozinha para a garagem, para constatar que ele tinha levado o carro. No antigo quarto de ambos, a cama estava desfeita, os objectos pessoais dele espalhados pela mesa e pela cómoda. Entrou na pequena divisão que servia de armário. Os casacos e as camisas de Richard tinham sido comprimidos para caber num só dos lados. Por cima, a roupa interior e as camisolas transbordavam das prateleiras. Como só pendiam cabides vazios no varão do outro lado, e as prateleiras estavam igualmente vazias, perguntou-se porque é que ele tinha desocupado todo esse espaço mas absteve-se de qualquer dedução. Foi no escritório que começou a acreditar que alguém, para além de Richard, tinha vivido, ou talvez ainda vivesse, naquela casa. Ele

não arrumava assim as suas coisas. A agenda, as canetas, os cachimbos, a correspondência, os livrinhos com anotações minúsculas, tudo estava fora dos lugares onde ele invariavelmente os colocava. O computador já não estava em cima da secretária, mas numa mesinha ao lado da poltrona. A disposição nas estantes da maioria dos livros também era outra. Sorriu para si própria. Richard devia estar muito permissivo, ou, chamando as coisas pelo seu nome, muito envolvido sentimentalmente, para permitir que alguém mudasse, desta forma, o que ele denominava *a ordem imutável do seu espaço de reflexão*. Pela milionésima vez depois da separação, tentou perceber se sentia, ou não, algum ciúme. E quanto mais pensava na questão, mais se convenciu que, contra o que sempre se dizia, e dizia aos filhos e às amigas, também ela se acomodava nesse sentimento. Mas nem ela, nem Richard, jamais tinham trocado uma única palavra sobre as respectivas aventuras ou ligações. Estava certa de que o *formidável* divórcio que mantinha uma *formidável* amizade, dependia dessa discrição. E repetia a toda a gente, que toda a sua vida com ele decorreria *formidavelmente*, e continuava a ser assim depois do divórcio, porque ela não era ciumenta. Os outros que comentassem as virtuais infidelidades dele. Ela nunca estivera interessada no assunto. Mas a verdade é que as imagens de Richard com outras mulheres, em circunstâncias íntimas ou mundanas, eram das que mais teimavam em planar por cima da cabeça, durante as suas longas insónias.

O gravador das chamadas telefónicas, também num local inabitual, chamou-lhe a atenção. Rebobinou o dispositivo para ouvir a gravação desde o início.

«Richard..., Phyllis! Ontem, estávamos todos convencidos que ainda aparecias... Deste vez o teu filho pescou o suficiente para nos presentear com uma formidável *bouillabaisse*... Podias ter telefonado... Nem sabes o que perdeste! Telefona!»

«Richard..., Phyllis! Como não disseste nada, penso que andas em viagem... Só não percebo porque é que não dizes nada! O Steve anda desolado, porque não conseguiu a bolsa... Tens de falar com ele o mais depressa possível... Espero que regresse depressa!»

«Pai! Sou eu, a Sue! Andas sempre a dizer que eu nunca digo nada, mas és tu que estás em falta... Não apareciste no jantar, e

não disseste nada ao Steve, que não vai ter a bolsa. A mãe anda nervosa, e um bocadinho maníaca demais, e eu já não a posso ouvir mais... Telefona! Esta gravação não dá tempo para nada! Um beijo!»

As gravações seguintes, que ouviu uma a uma, tinham o mesmo teor, e tinham sido registadas ao longo de três semanas. Três semanas, meu Deus... Para além dela e dos filhos, também John Markus, o advogado de Richard, do seu gabinete de San Francisco tinha enviado três apelos. Com o último, a bobina chegava ao fim.

«Richard, é John Markus, outra vez! As coisas podem ficar complicadas se não vens aqui, o mais rapidamente possível! Quer dizer... hoje! Queira Deus que ouças estas palavras!»

Phyllis sentiu o coração a querer fugir, e pensou que este sintoma se tornava insuportavelmente familiar. Era, pois, preciso não ceder de todo ao sintoma, para que o coração não abandonasse de vez o seu corpo. Nervosamente, consultou a agenda, que tinha mudado de lugar na secretária, e marcou um número no telefone. Atendeu uma secretária, que passou logo a chamada.

«Phyllis Morehead! É bom ouvi-la... Nunca deixámos de ser amigos, pois não?»

«Não, John. A nossa amizade resiste a qualquer prova...»

«Ainda bem, Phyllis... Diga-me o que é feito do Richard?... Há mais de uma semana que ando à procura dele.»

«Eu ando há três semanas! E estava com esperança que você me pudesse dizer onde é que ele se encontra...»

«Foi viajar. Mas já devia estar de regresso há uns dez dias!»

«Mas foi viajar aonde? E quando?»

«Foi há umas três semanas. Não disse para onde ia.»

«Mas o que é que se passa com ele para não dar notícias a ninguém? A Sue e o Steve também andam muito preocupados com esta situação...»

«Esta atitude não é habitual nele! O Martinelli também não sabe para onde é que o Richard foi, e ignora quando estará de regresso.»

Peter Martinelli, com quem pouco simpatizava, era o sócio de Richard, a quem igualmente recorrera, uma semana antes. Compreendia, agora, o tom meio jocoso com que Peter tentara explicar o silêncio de Richard, pois já devia saber que este estava acompa-

nhado. Provavelmente tinha vindo a Carmel para a conhecer. Mas pelo que agora ouvia, não teria querido entrar em confidências com o advogado do sócio.

«Estou em Carmel, John! Cheguei há momentos de L.A., para constatar que o Richard não tem estado em casa. Também não sei desde quando... E tenho a certeza de que alguém esteve aqui com ele durante uns tempos... É possível que tenham decidido partir de repente... Deve ter sido por isso que ele falou da viagem, sem dar grandes explicações. Tudo isto faz sentido e está perfeito. É bom que ele esteja com alguém. Tem estado muito isolado, aqui em Carmel. Só o silêncio dele é que não se entende. Como você diz, este não é o comportamento dele... Telefona semanalmente aos filhos mesmo quando sai do estado... Acho que nunca aconteceu...»

Calou-se. Já não sabia o que dizer. Percorreu com os olhos o escritório, e teve, de novo, a sensação que alguém, que lhe era estranho, estivera ali a respirar aquela atmosfera e a criar outra intimidade.

«Quer um conselho, Phyllis?»

«Foi para isso que liguei...»

«Telefone à polícia!»

«Pensei nisso desde que aqui entrei.»

«Chame os rapazes de Carmel. Pelo meu lado, eu também vou contactar com uma pessoa conhecida da polícia de Monterey.»

Quando Phyllis desligou, estava já convencida de que não se tratava apenas de uma viagem romântica. Por muito que Richard estivesse de cabeça perdida, o que, aliás, não era o tipo de envolvimento que lhe tivesse conhecido.

Voltou a consultar a agenda. Richard era pessoa para ter todos os números de urgência sempre à mão. Não teve dificuldade em encontrar o da polícia local.